

CIÊNCIA VERDADEIRA E FALSA NO PENSAMENTO FUNDAMENTALISTA CRISTÃO (1910-1925)

Henrique Rodrigues Caldeira¹

RESUMO: O tema fundamentalismo está coberto de polêmicas apressadas e irresponsáveis nas quais aparece muitas vezes como sinônimo de ações religiosas radicais e herdeiras de uma mentalidade ultrapassada, irracionalista. A indisposição ao diálogo e anacronismo são características que muitos associam a este conceito, especialmente quando confrontado com o tema ciência. Este trabalho pretende contribuir para as investigações mais cautelosas sobre a relação entre ciência e religião na primeira fase do movimento fundamentalista cristão nos Estados Unidos, isto é, da publicação de *The Fundamentals: a Testimony of Truth* em 1910 ao julgamento do jovem professor John Scopes em 1925. Entendendo que os grandes embates entre fundamentalistas e secularistas no período em questão não se caracterizam apenas como disputas do tipo religião *versus* ciência, mas também como disputas pela definição do que é a *verdadeira ciência*, pretendemos evidenciar as características do que seria ciência *verdadeira e falsa* para os fundamentalistas e compreender historicamente a legitimidade de seus argumentos a partir do estudo da própria história das ciências em sua dinâmica mais ampla. Nossa principal hipótese é de que a noção de verdadeira ciência do fundamentalismo inicial nos Estados Unidos se apoia na noção de ciência do período moderno (especialmente no empirismo e na taxonomia de Francis Bacon e na filosofia escocesa do Senso Comum de Thomas Reid) oposta, portanto, à chamada ciência especulativa e hipotética (como a teoria da evolução das espécies por seleção natural de Charles Darwin e o princípio da sucessão estratigráfica de George Cuvier e Alexandre Brongniart) que conquista grande espaço no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Fundamentalismo, inerrância, senso comum

Introdução

No início do século XX, um movimento cristão interdenominacional começava a tomar forma nos Estados Unidos. Sua proposta era salvar a verdade revelada na Bíblia das exegeses liberais que, no final do século XIX, ganharam grande espaço no país e no mundo. Por defender uma verdade literal dos fatos fundamentais da Escritura, este movimento ficou conhecido como Fundamentalismo.

Inicialmente voltados contra o modernismo de forma difusa, os fundamentalistas foram gradualmente concentrando sua atenção sobre as novas ciências que cresciam no país. A evolução das espécies por seleção natural e a geologia moderna representavam um grande problema para o literalismo bíblico característico do fundamentalismo, especialmente quando confrontadas com as primeiras narrativas em Gênesis.

1 Graduando em história pela Universidade Federal de Minas Gerais.

O movimento, canalizado na Associação Mundial dos Fundamentos Cristãos (WCFA) e delineado nos doze volumes de *Os Fundamentos: um Testemunho de Verdade* (1910), é muitas vezes interpretado como anti-intelectualista e avesso à ciência. Neste trabalho, contudo, argumentaremos que o intelectualismo é, na verdade, a marca distintiva do fundamentalismo em relação aos demais revivalismos e que a ciência é constantemente reverenciada no discurso dos fundamentalistas.

Para esclarecer essa aparente contradição, apresentaremos a noção de ciência dos fundamentalistas contraposta à noção de ciência de seus adversários e buscaremos historicamente suas raízes.

Ciência versus Ciência

A primeira grande obra a delinear as características doutrinárias do fundamentalismo foi publicada entre 1910 e 1915, em doze volumes, sob o título *The Fundamentals: a Testimony of Truth*. Longe do panfletismo e da radicalidade que se poderia esperar de tal obra, os diversos ensaios que a compõem apresentam discussões sobre darwinismo, comunismo e outros temas polêmicos do início do século com surpreendente moderação e trazem diferentes abordagens intelectuais desses fenômenos; muitos ensaios inclusive com visões bastante opostas a outros.

Nesse momento inicial do movimento, é bastante complicado falar em *um* discurso fundamentalista. Para o historiador George Marsden, a grande característica que nos permitiria percebê-los como um grupo é a valorização da intelectualidade em seus discursos (MARSDEN, 2006, 62). A tentativa, por exemplo, de adotar métodos típicos das ciências naturais, especialmente aqueles delineados por Isaac Newton, para a leitura bíblica ou para a definição de uma moralidade objetiva cristã está clara em diversos escritos dos fundamentalistas. Ao falar de seu sistema teológico, Cyrus Scofield, uma das grandes referências para o movimento, contrastava-o com os “sistemas não-científicos anteriores” (ibid., 60). Segundo Reuben Torrey, um dos editores de *The Fundamentals*, sem uma rejeição *a priori* anticientífica do sobrenatural e do milagroso, a Escritura seria compatível com os mais altos padrões da ciência e da racionalidade (ibid., 121). Amzi Dixon, outro editor de *The Fundamentals*, escreveu: “Sou cristão porque sou um pensador, um racionalista, um cientista”. William Bell Riley, fundador da *World Christian Fundamentals Association*, insistia que era um erro supor que os fundamentalistas tivessem qualquer problema com a ciência. “O Cristianismo como qualquer verdade não é tolerante a erros e não harmonizará com essa pseudociência, essa terrivelmente falsa filosofia”, disse certa vez referindo-se ao darwinismo e ao que o movimento considerava uma ciência modernista (ibid. 217).

Fica claro, portanto, que os discursos dos fundamentalistas não se voltavam contra *a* ciência, mas contra *uma* ciência considerada falsa e perigosa para a verdadeira ciência. Compreendendo esse ponto, o grande problema que se coloca é compreender quais as características disso que está sendo chamado de verdadeira ciência e quais seriam exatamente suas incompatibilidades com a chamada falsa ciência.

Seguindo a interpretação feita por George Marsden e trabalhando-a à luz das contribuições de Mark Noll e Sidney Ahlstrom, podemos dizer inicialmente que o paradigma científico que conduz o discurso dos fundamentalistas está calcado na filosofia escocesa do Senso Comum e na ciência baconiana do período moderno.

A filosofia escocesa do Senso Comum, sistematizada por Thomas Reid e popularizada nos Estados Unidos por Dugald Stewarts, era profundamente influente no país já na segunda metade do século XVIII, e no século seguinte, apesar da competição com várias formas de idealismo romântico, dominou completamente as universidades. Segundo Ahlstrom, era inquestionavelmente *a* filosofia americana.

Para melhor compreensão, podemos dividir as conclusões da filosofia do Senso Comum em três campos. Epistemologicamente, o senso comum era a afirmação de que nossas percepções podem revelar o mundo tal como ele é sem recurso a ideias ou símbolos. Eticamente, existiriam princípios fundamentais e naturais da moral. Os homens poderiam intuitivamente alcançar tais princípios da mesma forma que poderiam intuir realidades básicas do mundo físico. Metodologicamente, o senso comum afirma que verdades a respeito da consciência, do mundo ou da religião devem ser construídas estritamente por indução a partir de fatos irreduzíveis da experiência (NOLL, 1985, 220-223). Essa crença na possibilidade e necessidade do homem chegar às verdades pela própria verificação e experiência resultava em um enorme desinteresse ou, em alguns casos, desconfiança sobre qualquer processo envolvendo especulação, interpretação e hipótese, características marcantes de outro paradigma científico manifesto no darwinismo e nas novas ciências que já haviam ganhado grande espaço mundialmente e, tardiamente, obtinham repercussão nos Estados Unidos.

Quando às influências do pensamento de Francis Bacon para o paradigma científico no qual se inseriam os fundamentalistas, devemos destacar o *taxonomismo*. Para o político e grande pensador inglês, Deus havia escrito dois livros, a Bíblia, que nos revela a vontade do Criador, e a Natureza, que nos revela Sua potência. O estudo de ambos era de fundamental importância para o cristianismo proposto por Bacon. No entanto, as leituras destes dois livros teriam procedimentos bastante distintos. A Natureza, para Bacon, era uma selva, o *caos*, que, pelo método deveria ser ordenada e classificada, transformada em *cosmos*. A tarefa do empirista

é, como um sacerdote do segundo livro, tornar compreensível a obra de Deus. O interesse daquele que ordena a natureza recai sobre toda a realidade e sobre todos os fatos. Aqui ficam claros dois afastamentos do paradigma baconiano em relação ao paradigma materialista ao qual os fundamentalistas se opunham (ROSSI, 1992, 101).

O primeiro diz respeito ao interesse, pelo menos no discurso, por *todos* os fatos e *toda* a realidade. A ciência enquanto Natureza classificada é totalmente oposta ao procedimento de especialização e seleção de apenas alguns fatos e problemas considerados legítimos para pesquisa em diferentes áreas das ciências contemporâneas. John Gresham Machen, teólogo de Princeton que se aproximou em vários momentos do fundamentalismo, argumentava que ciência, filosofia e religião lidam exatamente com a mesma coisa: fatos. Ou uma pessoa vê os fatos corretamente ou não. Só uma filosofia pode ser verdadeira. A falsa ciência e a falsa filosofia surgem quando o pecado obscurece os fatos ou leva um pensador a excluir alguns fatos. Diz Machen, “Devemos levar cientistas e filósofos a se tornarem cristãos não pedindo para separarem ciência e filosofia de religião, mas pedindo (...) atenção a *todos* os fatos, em vez de a apenas alguns.” (MARSDEN, 2006, 216, grifo nosso).

O segundo ponto de distanciamento do paradigma baconiano ou do Senso Comum em relação ao chamado materialista ou modernista é a associação entre ciência e moralidade. Está claro nos escritos de Bacon que a ciência tem um *ethos* eminentemente moral. Segundo Paolo Rossi, o próprio desprezo de Bacon por Aristóteles nasce de uma condenação moral e de uma acusação de impiedade religiosa. A reforma do saber empreendida pelo pensador inglês, está conscientemente inserida em sua teologia do pecado e da redenção (ROSSI, 1992, 63). Para o paradigma materialista, a natureza é moralmente neutra e, conseqüentemente, a moralidade não pertence às discussões científicas, ela está limitada às interpretações e à subjetividade. Aproveitamos para destacar aqui um dos motivos do darwinismo e não outro dos trabalhos sobre evolução produzidos aos montes da Europa do século XVIII e XIX era o alvo dos fundamentalistas. A teoria da evolução de Charles Darwin fundamentava-se no materialismo filosófico, postulado de que “a matéria é tudo na existência e de que todos os fenômenos mentais e espirituais são subprodutos dela” (GOULD, 1992, 13).

William Jennings Bryan, político democrata bastante próximo ao fundamentalismo e à *World Christian Fundamentals Association* mesmo que nunca definindo-se como fundamentalista, enfatizava a perversidade do darwinismo justamente por sua amoralidade. Segundo Bryan, noção de sobrevivência do mais apto justificava a opressão do rico sobre o pobre, dos empregadores sobre os empregados e seria a responsável pelas tragédias da Primeira Guerra Mundial, especialmente no que se refere ao etnocídio cientificamente justificado. (ROBERTS,

2014, 135).

Incomensurabilidades

Após apontar algumas características das chamadas *verdadeira* e *falsa* ciência e delinear suas oposições, pretendemos encerrar este trabalho sem uma conclusão, mas uma sugestão metodológica ainda a ser experimentada para abordar este conflito tanto na formulação e defesa de cada noção de ciência, quanto nos debates e nos problemas referentes à comunicação entre os dois paradigmas.

Como próprio uso do termo *paradigma* ao longo do trabalho antecipa, consideramos o trabalho do historiador Thomas Kuhn de grande relevância para o tratamento de nosso tema. O autor de *A estrutura das revoluções científicas*, logo no início de sua principal obra deixa claro o objetivo da nova historiografia da ciência na qual se insere:

Em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, eles procuram apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época. (...) Além disso, insistem em estudar as opiniões desse grupo e de outros similares a partir da perspectiva - usualmente muito diversa daquela da ciência moderna - que dá a essas opiniões o máximo de coerência interna e maior adequação possível à natureza. (KUHN, 1992, 22)

Além desta valorização da historicidade do discurso e da prática científica, que poderíamos muito bem encontrar em outros autores, consideramos Thomas Kuhn um autor importante por suas discussões sobre incomensurabilidade. Este conceito, um dos mais polêmicos e debatidos do autor, pode ser de grande valia para a análise dos debates entre os dois paradigmas, uma vez que termos como *verdade*, *natureza*, *fato*, *teoria* etc. centrais nas discussões entre os fundamentalistas e seus adversários parecem ter significados profundamente distintos em cada fala e não podem ser diretamente compreendidos nem traduzidos pelo adversário sem resíduo ou perdas no significado.

Um interesse secreto deste trabalho é pensar de forma mais ampla, principalmente trazendo para o presente, a discussão sobre o difícil diálogo entre ciência e religião e as diferentes concepções de verdade que o alimenta. Desejamos que este estudo histórico e uma leitura atenta da teoria da comunicabilidade científica presente na obra de Kuhn colaborem para superarmos as incomensurabilidades tão danosas que se verificam nas polêmicas atuais.

Bibliografia

AHLSTROM, Sydney E. "The Scottish Philosophy and American Theology," In: Church

History, 24, 1955. p. 257-272

GOULD, Stephen Jay. A demora de Darwin. In: Darwin e os grandes enigmas da vida. 2. ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 11-17

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 257 p.

KUHN, Thomas S. O caminho desde a estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 402 p.

MARSDEN, George. Fundamentalism and American Culture. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006. 351 p.

NOLL, Mark A. "Common Sense Traditions and American Evangelical Thought". In: American Quarterly, Vol. 37, N 2, 1985. p. 216-238

ROBERTS, Jon. H. Reações religiosas ao darwinismo. In: HARRISON, Peter (Org.) Ciência e religião. Trad. Eduardo Rodrigues da Cruz. 1. ed. São Paulo: Ideias & letras, 2014. p 109-135.

ROSSI, Paolo. A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica. São Paulo: Editora UNESP, 1992. 389p.